

CONDUÇÃO DO CAFEIEIRO PARA COLHEITA SEMIMECANIZADA: ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEPÇÃO DE PRODUTORES E TRABALHADORES DO BAIRRO POSSES, EM CAMPESTRE - MG.

AV Braga, Administrador, Pós-graduando em Cafeicultura - IFSuldeMinas, Muzambinho-MG; adelbervbrega@hotmail.com; MQ Malvoni, Eng. Agrônomo, Pós-graduando em Cafeicultura - IFSuldeMinas, Muzambinho-MG, maumalvoni@hotmail.com; GGO Júnior, Prof. IFSuldeMinas, Muzambinho-MG, geraldo.junior@muz.ifsuldeminas.edu.br; JDR Fernandes, Profa. IFSuldeMinas, Muzambinho-MG, joana.fernandes@muz.ifsuldeminas.edu.br.

A atividade cafeeira em áreas montanhosas é a base do desenvolvimento econômico em função do grande número de empregos gerados em toda a cadeia produtiva, a colheita é o item que mais impacta na composição do custo de produção e a semimecanização é uma alternativa viável para suprir a falta de mão de obra e possibilitar um melhor rendimento operacional e financeiro da cafeicultura na região.

Este trabalho teve como objetivo realizar um estudo de caso sobre a melhor condução do cafeeiro no Bairro Posses, município de Campestre-MG, para a colheita semimecanizada com uso de derriçadeiras portáteis.

Para este estudo de caso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com produtores e colhedores de café, com o intuito de obter informações sobre a pesquisa, tendo em vista que aproximadamente 2/3 da cafeicultura mineira está localizada em regiões montanhosas (SOUZA, 2012), onde a topografia, a falta de planejamento no plantio e na condução das lavouras dificultam ou inviabilizam o uso de máquinas de grande porte.

Resultados e Conclusões

Através dos resultados obtidos com as entrevistas pôde-se observar que a introdução da colheita semimecanizada possibilitou a permanência da cafeicultura nas regiões montanhosas, inclusive a nível empresarial, pois a mão de obra tem se tornado pouco produtiva, escassa e conseqüentemente cara, especialmente na colheita. O café ainda é relevante para o equilíbrio da balança comercial de Minas Gerais, e têm fundamental importância para o desenvolvimento das regiões onde se pratica a cafeicultura de montanha, devido ao número elevado de pequenas propriedades, e a intensidade de mão de obra nelas empregada.

A cafeicultura nas montanhas têm papel social importante, gerando grande número de empregos diretos e indiretos e pulverizando a renda advinda dessa atividade. “Uma amostra com os principais municípios produtores de café revela que todos estão nos grupos de médio e alto desenvolvimento humano. Em Minas Gerais, os municípios cafeicultores estão entre os 20% melhor colocados no *ranking* do desenvolvimento humano” (SEBRAE, 2001).

Como se sabe, a colheita do café é realizada em um curto período de tempo, apresentando dificuldades em função da desigualdade de maturação, umidade dos frutos, formato das plantas e falta de mão de obra na maioria das áreas cafeeiras (SILVA, 2004). Portanto, a colheita semimecanizada torna-se imprescindível para que se conclua a colheita em tempo hábil.

Segundo informações obtidas em entrevistas, espaçamentos de plantio maiores facilitam a colocação dos grandes panos utilizados na colheita do café, que podem medir entre 10 a 20 metros de comprimento por 4 metros de largura. Trabalhar com panos grandes ajuda a aumentar o rendimento, pois um só pano alcança os dois lados da rua de café e um grande número de plantas na linha. Contudo, lavouras adensadas inviabilizam seu uso. Um espaçamento adequado para a colheita semimecanizada consegue conciliar boa produtividade e facilidade na operação com a derriçadeira. É consenso entre os entrevistados que o melhor espaçamento para colheita semimecânica varia de três a quatro metros entre linhas e um metro a um metro e meio entre plantas.

A necessidade de um maior espaçamento entre plantas se deve ao fato de que para melhorar o rendimento o apanhador colhe de três a quatro ruas de uma vez, tendo que ficar transitando entre as plantas para alcançar outras linhas de cultivo.

Segundo informações dos entrevistados, a condução do cafeeiro com uma só haste mantém sua forma original com formato cônico ou cilíndrico dependendo da variedade, além de maior ramificação lateral e menor crescimento vertical, possibilitando maior facilidade para a colheita semimecânica. Lavouras adensadas conduzidas a livre crescimento tendem a concentrar sua produção no topo das plantas onde a colheita é mais custosa, pois, além de dificultar a visibilidade, leva a um desgaste excessivo do trabalhador e da máquina. Sendo assim, é preciso trabalhar com a derriçadeira que pesa em média mais de dez quilos acima da cabeça. Ademais, com um espaçamento maior entre plantas estas crescem menos verticalmente, ficando por mais tempo aptas a receber a colheita semimecanizada, além de que concentram a produção nas partes mais baixas devido ao maior desenvolvimento dessa área.

Produtores afirmam que o cafeeiro quando plantado mais espaçado e conduzido unicaule tende a formar uma copa mais volumosa, com maior número de ramos produtivos e rosetas mais cheias. Dessa forma, há uma maior concentração dos frutos em uma área menor da planta, ou seja, uma passada com a derriçadeira consegue desprender um número maior de frutos. Além disso, com mais espaço entre as linhas o apanhador trabalha com a derriçadeira na posição horizontal, descansando o seu peso sobre a copa do cafeeiro. A colheita com derriçadeira portátil é mais eficiente nas áreas mais baixas da planta, pois nessa área há uma maior formação de ramos plagiotrópicos primários e secundários, deixando a planta mais compacta e propícia para esse tipo de colheita. Segundo os entrevistados, para a colheita semimecânica, a altura das plantas do cafeeiro não devem nunca exceder a largura das linhas de plantio, tendo como limite máximo o alcance das derriçadeiras.

Lavouras plantadas mais espaçadas atingem o ápice da sua produção mais tarde, no entanto, recebem maior insolação. Isso proporciona menor infestação por fungos, bienalidade acentuada e, portanto, maior enchimento de rosetas e maior uniformidade na florada e maturação dos frutos. Tais características além de aumentar o rendimento da colheita semimecânica propiciam a produção de cafés de qualidade superior devido a maturação mais uniforme.

Como a temperatura média do município é em torno de 20° C., e as lavouras do Bairro Posses se situam em áreas de montanha acima de 1000 metros de altitude, existem microclimas diversos, e na maioria deles a maturação do café é tardia. Isso inviabiliza as podas constantes que exigem as lavouras adensadas, pois a colheita muitas vezes se estende até os meses de setembro ou outubro. Sabe-se que para que lavouras podadas voltem a ter produções economicamente viáveis são necessários dois anos após as podas, devendo estas ser feitas entre os meses de julho e agosto, porque a época da poda influencia diretamente na retomada da produção. Portanto, podas drásticas na região devem ser evitadas. É importante salientar que para se manter o cafeeiro apto a receber a colheita semimecanizada por mais tempo, é preciso que se faça desbrotas anuais. Desta forma as plantas mantêm seu formato original. Podas como decotes e esqueletamentos são necessários de tempos em tempos apenas para manter o cafeeiro com altura e formato que facilitem a colheita semimecânica e evitar o fechamento excessivo da lavoura.

De acordo com os entrevistados, as cultivares da variedade catuai amarelo são as melhores para a colheita semimecanizada devido ao seu formato natural, produtividade, facilidade de desprendimento e adaptabilidade à região.

Os apanhadores entrevistados sugerem que plantar as linhas de café de cima para baixo, acompanhando a declividade do terreno facilita bastante o trabalho de arrastar os panos cheios de café, no entanto, é preciso lembrar que o plantio do cafeeiro em curvas de nível é uma prática que protege o solo de erosões e possibilita a melhoria da fertilidade natural.

Os produtores acreditam que o planejamento no plantio e condução do cafeeiro faz toda diferença na contratação do apanhador e no custo da colheita semimecanizada, pois o rendimento do serviço é fator fundamental na composição do custo de produção. Além disso, pode propiciar maior qualidade de vida para o trabalhador, o que é de suma importância para a sustentabilidade da cafeicultura na região. Segundo os mesmos, o espaçamento e a arquitetura do cafeeiro influenciam de maneira

decisiva na contratação do apanhador e no custo da medida colhida, pois cafeeiros muito adensados ou onde não se alcança com a derriçadeira são descartados por eles.

Através de dados obtidos em entrevista pode-se concluir que um dos critérios usados para a tomada de decisão na hora de escolher onde trabalhar é o espaçamento da lavoura, pois lavouras mais espaçadas facilitam o trabalho e aumentam o rendimento do serviço.